



## Documentário Radiofônico “Contracultura”<sup>1</sup>

Geísa FRÖHLICH Sanches Monteiro<sup>2</sup>

Ada Pereira de LIMA<sup>3</sup>

Alan Charles dos Santos CHAVES<sup>4</sup>

Amanda Evelyn de Souza REIS<sup>5</sup>

Antônio Santos de SOUZA<sup>6</sup>

Cleuda Lopes de OLIVEIRA<sup>7</sup>

Edilene MAFRA Mendes de Oliveira<sup>8</sup>

Centro Universitário do Norte (Uninorte), Manaus, AM

### RESUMO

Elementos que fazem referência à Contracultura estão presentes na música, na moda, no cinema, no comportamento, principalmente dos jovens, até os dias de hoje. Os rippies, principal símbolo do movimento, demonstram a atitude, daqueles que viviam a filosofia de paz e amor dos anos 60, mas com algumas diferenças. O documentário radiofônico “Contracultura” surgiu com a finalidade de mostrar a importância desse movimento social, por meio do resgate permanente que há em volta desse tema.

**PALAVRAS-CHAVE:** radiojornalismo; história; documentário radiofônico; contracultura; comportamento.

### INTRODUÇÃO

Em meados dos anos 60, surge nos Estados Unidos o que os analistas sociais denominaram de Contracultura. Um movimento liderado pelos jovens de classe média contra a sociedade vigente da época. Os impulsos criativos eram substituídos pelos avanços tecnológicos, a guerra do Vietnã, o preconceito e violência racial criaram nos jovens um sentimento de “eu quero cair fora”. Cair fora da família, da sociedade, do materialismo, da realidade e viver em um mundo alternativo, diferente do comum. Então surgem os rippies, o misticismo, o naturalismo e também o psicodelismo das drogas, principalmente o LSD.

O tradicionalismo familiar que delimitava as atitudes dos jovens, a sociedade repressora em que viviam e os conflitos que ocorriam no mundo despertaram essa atitude de ruptura com a ordem. Historicamente, o movimento representou uma nova forma de

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Jornalismo, modalidade documentário em áudio (avulso).

<sup>2</sup> Aluna líder do grupo e estudante do 6º. período de Comunicação Social / Jornalismo, email: geisafrohlich@hotmail.com.

<sup>3</sup> Estudante do 6º. período de Comunicação Social / Jornalismo do Uninorte/AM, email: adabrito23@gmail.com.

<sup>4</sup> Estudante do 6º. período de Comunicação Social / Jornalismo do Uninorte/AM email: alancharleschaves@gmail.com.

<sup>5</sup> Estudante do 6º. período de Comunicação Social / Jornalismo do Uninorte/AM, email: amandareis18@hotmail.com.

<sup>6</sup> Estudante do 6º. período de Comunicação Social / Jornalismo do Uninorte/AM, email: antonio.desouza@hotmail.com.

<sup>7</sup> Estudante do 6º. período de Comunicação Social / Jornalismo do Uninorte/AM, email: teteralopes@hotmail.com.

<sup>8</sup> Orientadora do trabalho, professora de Comunicação Social do Uninorte/AM, email: edilene.mafra@gmail.com.



perceber o mundo e de o jovem interagir como elemento construtor da cultura.

Praticantes de magia, astrologia, ufologia, do zen-budismo e de ilusões psicodélicas, ainda assim, foi a partir da contracultura, que as pessoas passaram a questionar seus valores enquanto seres políticos e sociais, o que conquistou adeptos de todas as partes do mundo, como por exemplo, os estudantes de Paris, que com a frase “é proibido proibir” grafitada nos muros da cidade, expressavam o questionamento dos mesmos perante a sociedade.

Todas essas atitudes, a falta de liberdade, e principalmente de expressão, gerou o inconformismo dos jovens de classe média, criando assim, um sentimento de revolta, que se manifestaria em diversos campos da arte, especialmente na música.

Os hippies, principal símbolo da contracultura pregavam a doutrina de Gandhi-desobediência civil e não violência, por meio do movimento Power Flower e do lema Paz e amor. Eles uniram suas vozes em coro, para contestar o sistema da época por meio da contracultura. “Designada como arte marginal, underground, desbunde, a contracultura foi difundida no Brasil em 1970”, (BRANDÃO E DUARTE, 2004, p104).

O sentimento psicodélico, o naturalismo, a filosofia do cair fora, a cultura musical, as roupas e adornos exóticos dos hippies permanecem, de alguma forma, presentes no cotidiano dos jovens atuais.

Todos esses questionamentos punçionaram a vontade dos alunos-pesquisadores em investigar porque tanto encantamento com a era de Aquarius.

O conhecimento social e cultural a cerca dos movimentos, que de certa forma ditam nosso comportamento, é direito de todos. É dever do comunicador investigar temas que aguçam nossa curiosidade e capacidade de pesquisador. Assim, a partir da construção da pesquisa e da reportagem, o público é capaz de verificar essas questões e tirar suas próprias conclusões.

A contracultura não existe mais, porém despertou uma série de comportamentos ao longo da história.

Um movimento espontâneo e insinuante que, apossando-se dos meios de comunicação de massa ou criando uma imprensa alternativa, conquistou adeptos por toda a parte e ameaçou colocar a utopia no poder, estabelecendo o poder das flores. (BRANDÃO E DUARTE, 2004, p.62)

A contracultura foi como um sonho que durou apenas uma noite, mas foi também a partir desse movimento, que o homem começou a participar de muitas causas, como o movimento feminista, que permitiu que as mulheres tivessem mais espaço na sociedade, as questões ecológicas, os acessórios e roupas que tiveram suas idéias transformadas em



mercadorias, o desenvolvimento da indústria fonográfica e cinematográfica. No Brasil, o grupo Opinião se expressava no Teatro, na música os Novos Baianos, Mutantes e Rita Lee cantaram a repressão. A imprensa alternativa era representada pelo Pasquim e pela revista Rolling Stone.

O rock'n'roll abriu portas para outros estilos do gênero, como o progressive rock e o heavy metal com sua trilogia formada por Led Zeppelin, Black Sabbath e Deep Purple e do acid rock, com Pink Floyd. “Os Beatles, inauguravam o experimentalismo eletrônico na música popular contemporânea, sendo a primeira vez que músicos do rock aproveitavam todos os recursos e possibilidades” (PAES, 1992, p25).

A sede de mudanças, o espírito revolucionário e principalmente o status social do rippie parece ter mudado de postura nos dias atuais. Eles continuam por ai, mas com pensamentos e atitudes que ora lembram aqueles que viveram no fim dos anos 60 e ora fogem totalmente do contexto em que eram inseridos.

O documentário radiofônico “Contracultura” mostra um comparativo desse movimento nos dias atuais, resgatando o tema e nos fazendo refletir.

## **2 OBJETIVOS**

- Geral:

- Produzir um documentário radiofônico mostrando o resgate da Contracultura e um comparativo com o movimento nos dias atuais.

- Específicos:

- Realizar produção de formato informativo para rádio com temas relevantes para a sociedade.
  - Desenvolver práticas de radiojornalismo por meio do documentário radiofônico.
  - Disponibilizar conteúdo jornalístico na Rádio Dialog [dialog.blog.br].

## **3 JUSTIFICATIVA**

O presente documentário radiofônico resgata a importância do Movimento cultural ‘Contracultura’. O ser humano tem sede por mudanças e os movimentos de caráter revolucionário, como é o caso da contracultura, caracteriza esse projeto permanente dos jovens de querer melhorar as coisas. Segundo Ramos:

Na medida em que se propõe a estabelecer asserções sobre o mundo histórico, o documentário estará lidando diretamente com a reconstituição e a interpretação de um fato que, no passado, teve a intensidade de presente. A reconstituição, ou a interpretação, poderá ser valorada positiva ou negativamente (2008, p. 31-32).

Positivas ou negativas, as mudanças ao longo dos anos, geraram um novo comportamento dos ripples e o pré-conceito da sociedade. O “Contracultura” tem a finalidade de mostrar as pesquisas e conclusões estabelecidas pelo grupo, para que o público conheça a importância desse estudo e conheça mais sobre sua própria história.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

A atividade de produzir documentários radiofônicos foi proposta pela professora Edilene Mafra que ministrava a disciplina Radiojornalismo 2. Cada equipe deveria escolher um tema e apresentar o material visando resgatá-los no contexto do formato também conhecido como grande reportagem, dentro dos gêneros jornalísticos. As reportagens especiais deveriam ser apresentadas uma a cada semana, conforme sorteio em sala de aula.

Nossa missão começou com a famosa reunião de pauta, onde discutimos os temas que poderiam ser abordados e definimos o que caberia a cada um dos integrantes da equipe. É importante levar em consideração que:

O trabalho do jornalista de rádio não deve ser reproduzir um registro sonoro na forma da voz de uma pessoa. Ele deve sempre procurar informações adicionais, que ajudem a compor o cenário (PARADA, 2000, P.350).

A pesquisa surgiu a partir de várias evidências que traziam a contracultura novamente à tona. Programas em rede fechada como GNT e Multishow e matérias na Internet traziam a informação de que as headbands, ou seja, tiaras de couro, que eram amarradas em torno da cabeça como símbolo hippie da época ganharam uma versão mais moderna e foram lançados com moda do último verão:

A moda neo ripple e ripple chique inspirada na tendência ripple foi tema de coleções famosas.

Na música, o Festival SWU colocou o lema da contracultura novamente em discussão. Em comemoração aos 40 anos do festival Woodstock, Eduardo Fisher, publicitário e proprietário do grupo TotalCom, tentou durante todo o ano de 2010 (e quase conseguiu) os direitos para a realização do Woodstock no Brasil.



Em 2011, Janis Joplin será tema de filme.

Serviram como fontes, Ricardo Gomes, historiador; Vanussa Homobono, psicóloga; Liliane Cavalcante, assessora do Grupo Total Com; Jéssica Sanches, universitária. Francinete de Almeida, ex-ripping e Cleudson Souza, ripping que é usado no documentário. As referências bibliográficas sustentaram a pesquisa e confirmaram as questões, além de promover um comparativo da contracultura e do resgate da mesma nos dias atuais.

Todas essas discussões supracitadas estimularam a construção de uma matéria que foi tema de revista, jornal laboratório e deu origem ao documentário radiofônico. Segundo Barbosa Filho (2003, p.102), este “é realizado por meio de montagem – edição final de material produzido em áudio”. Nosso intuito foi o de atingir com precisão e diretamente o público alvo, mostrando também a importância do rádio enquanto meio de comunicação.

Nossa equipe dividiu as atividades de planejamento e produção do documentário, que chegou a ganhar no concurso de trabalhos acadêmicos na Semana de Comunicação do Uninorte em 2010. Nosso documentário também foi pensado para a programação da Rádio Dialog, suporte de dados em podcast que divulga o que os universitários realizam nas disciplinas que envolvem rádio.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

O conteúdo primeiramente foi apresentado como matéria num formato para impresso e publicada no Jornal Expressão, somente depois tornou-se documentário radiofônico. As pesquisas utilizadas foram condensadas e o texto ganhou o formato de roteiro jornalístico para rádio - também chamado de relatório de reportagem, para a construção do doc.

Ferraretto (2007) afirma que os programas de rádio se dividem, segundo seus objetivos, em dois grandes: informativos e de entretenimento. O documentário radiofônico está entre os programas informativos, apesar de ser um modelo pouco frequente no Brasil:

O documentário radiofônico aborda um determinado tema em profundidade. Baseia-se em uma pesquisa de dados e de arquivos sonoros, reconstituindo e analisando um fato importante. Inclui, ainda, recursos de sonoplastia, envolvendo montagens e a elaboração de um roteiro prévio (FERRARETO, 2007, p.57).

O que nos levou a compor a estrutura do produto, que tem a duração de um minuto e quarenta e nove segundos (1’49”), com as músicas “Revolution”, dos Beatles e “Viva a sociedade alternativa” de Raul Seixas para complementar a mensagem. Assim como a



sonora, entrevista jornalística noticiosa, com Cleudson Souza, que é ríppie a cerca de 10 anos.

Como toda forma de conhecimento, a entrevista presta-se a uma análise com base epistemológica. Há uma dupla relação entre sujeito e objeto. Primeiro estabelece-se um processo de busca por conhecimento entre o entrevistador e a informação ou opinião (FERRARETTO, 2007, p. 270).

Na hora de condensar o material e escolher o que era mais importante, optamos por seguir a estrutura proposta por Prado (1989):

Após a introdução, na estrutura da notícia irradiada, seguem-se os parágrafos sucessivos com as mesmas características internas da simplicidade, brevidade e linearidade [...] Essa estrutura vai se sucedendo em parágrafos isolados até esgotar todos os dados disponíveis [...] A estrutura da notícia radiofônica conclui-se com um “encerramento”, cuja o papel é importantíssimo. O fechamento recupera o essencial da notícia de forma atraente (PRADO, 1989, p.50-51).

Na concepção do texto, levamos em conta o que Parada (2000) caracteriza como regras para se produzir um bom texto para rádio, entre elas: o texto deve ser curto, escrever do jeito que se fala; colocar-se no lugar do ouvinte; escrever com simplicidade; destacar palavras mais importantes; ser original; não cometer erros de informações.

Na última fase - a de edição, procuramos fazer uso de sensibilidade para dar corpo ao que tínhamos em mente, afinal, “embora não exerça a função de sonoplasta, o produtor deve possuir sensibilidade e conhecimento suficientes para utilizar o som, base do rádio, como um poderoso instrumento à sua disposição” (FERRARETTO, 2007, p.286).

## **6 CONSIDERAÇÕES**

O trabalho possibilitou o conhecimento do grupo a cerca do movimento cultural Contracultura a cerca de sua história e importância para a formação do pensamento social e cultural. O grupo passou a conhecer suas influencias em diversos campos da arte e do comportamento, incluindo sua influencia nos dias atuais. Também foi importante a oportunidade de experimentarmos a realização do formato radiofônico e nos aproximarmos mais da linguagem e das características do rádio.

De acordo com o Daniel Cohn Bendit, político alemão e um dos líderes do movimento, afirmou em 88, para o jornal Estado de São Paulo, que a contracultura é um movimento permanente. O grupo percebeu essa afirmativa, pois ainda hoje, a Contracultura está presente na música, no cinema, na moda, no comportamento.



O documentário radiofônico propiciou uma ligação direta com o público, pois o rádio com sua penetração, tem um alcance direto com o público, e a cultura também utiliza-se desse veículo para atingir e mobilizar nosso público para as questões sociais e culturais.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos Culturais de Juventude**: Moderna. 2.ed. 2004.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Ed. Sagra Luzzatto, 2007.

HABERT, Nadine. **A década de 70**: Ática. 2. Edição. 1994.

PAES, Maria Helena Simões. **A década de 60**: Rebeldia, contestação e repressão política: Ática.1992.

PRADO, Emílio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

PARADA, Marcelo. **Rádio**: 24 horas de Jornalismo. São Paulo, Panda, 2000.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal ... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Editora Senac, 2008.